



**H**á dois anos em crise, com custos nas alturas, o setor elétrico aguardava com enorme expectativa o anúncio do Programa de Investimento em Energia Elétrica, na terça-feira 11, em Brasília. Afinal de contas, a presidente Dilma Rousseff tinha uma carta na manga imbatível contra o mau humor generalizado: o anúncio do desligamento de 21 usinas térmicas, que produzem energia mais cara que as hidrelétricas. A expectativa era de que empresários e consumidores, que amargaram um enorme aumento nas contas de luz, finalmente teriam um alívio no bolso. De fato, o terço, mas de apenas 2%. “Nós continuaremos pagando uma energia elétrica mais cara que os concorrentes, principalmente de países emergentes como o nosso”, afirma José Velloso, presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

A redução será modesta porque a bandeira vermelha, que impõe uma sobretaxa aos usuários, não será trocada pela amarela. O que, na verdade, o governo e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciaram na última semana foi uma redução de 18% da taxa da bandeira vermelha, que cairá de R\$ 5,50 a cada 100 kWh, para R\$ 4,50. O respiro tarifário



**SEM LUZ  
NO FIM DO  
TÚNEL:**

*“Na prática, as tarifas continuam as mesmas”, diz Fátima Ferreira, diretora da Abiquim*

valerá para consumidores residenciais e empresas que compram no mercado cativo, assim que o martelo final for batido no dia 28 de agosto, em nova reunião da agência. “É verdade que as contas de luz aumentaram, o que nós lastimamos”, disse Dilma, durante a cerimônia, em Brasília. “Por causa da falta de energia para sustentar a oferta, tivemos de usar as térmicas e pagamos mais caro”. Para a indústria química, cujos gastos com energia chegam a representar até 70% dos custos



# Desânimo elétrico

Apesar de desligar 21 usinas térmicas, o governo não consegue aliviar os custos dos empresários.

A queda na tarifa será de apenas 2%

Paula BEZERRA

totais, o alívio é irrisório. “Na prática, as tarifas continuam as mesmas”, diz Fátima Ferreira, diretora de Economia e Estatística da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim).

Outro ponto negativo apontado pelos empresários é o fato de que o desligamento das térmicas só está sendo possível porque a economia brasileira enco-

lteu. A atividade industrial, por exemplo, sofreu retração de 6,3% no primeiro semestre, pior resultado desde 2009, segundo o IBGE. Pelos cálculos da LCA Consultores, a recessão econômica deste ano provocará queda de até 2,5% no consumo de energia elétrica. Para 2016, a perspectiva é a de que o ritmo se mantenha. Com a demanda menor de energia e

uma leve melhora nos reservatórios do Sudeste, que respondem por 70% do abastecimento, foi possível anunciar o desligamento de 21 termelétricas, que apresentam os maiores custos de operação do sistema, superiores a R\$ 600 por megawatt-hora (veja quadro abaixo). De acordo com o governo, a medida economizará R\$ 5,5 bilhões até dezembro. “Estamos iniciando um ciclo com viés de baixa nas tarifas”, disse Eduardo Braga, ministro de Minas e Energia, no lançamento do Programa, em Brasília, salientando que o risco de apagão ficou no passado.

**A crise hídrica, no entanto, está longe de ter sido totalmente resolvida. Embora tenham sido abastecidos com chuvas acima da média, no inverno, os reservatórios nacionais devem operar de setembro a novembro com apenas 15% de sua capacidade, assim como no mesmo período de 2014. De acordo com o**



## O CUSTO DAS GERADORAS

Desligamento das 21 termelétricas mais caras do País trará economia de R\$ 5,5 bilhões até o final do ano. Entenda o sistema das bandeiras tarifárias:

**Bandeira vermelha:** R\$ 5,50 a mais a cada 100 kWh (valor cairá para R\$ 4,50 em setembro)

**Bandeira amarela:** R\$ 2,50 a mais a cada 100 kWh

**Bandeira verde:** tarifa não sobe

**GERAÇÃO TERMELÉTRICA**  
preço médio acima de  
**R\$ 400**  
megawatt/hora

**GERAÇÃO HIDRELÉTRICA**  
preço médio abaixo de  
**R\$ 100**  
por megawatt/hora

Fonte: Aneel

Dinheiro 19/08/2015

27

## ECONOMIA

presidente da CPFL, Wilson Ferreira Jr., é certo que ainda levará um tempo para os reservatórios se recomponem, porém, a expectativa é que a situação melhore em 2016 (leia entrevista ao lado).

Segundo o economista-chefe da LCA, Bráulio Borges, se estiver correta a previsão do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) de que os níveis dos reservatórios vão melhorar, a tendência é a de que em 2016 as termelétricas sejam menos acionadas, o que possibilitará a substituição da bandeira vermelha pela amarela. "Haverá uma leve queda na tarifa", diz Borges. "O reflexo será positivo, sentiremos até mesmo com uma inflação menor que neste ano."

No mesmo evento que faz parte de uma "agenda positiva" do governo, foi anunciado um pacote total de R\$ 186 bilhões em investimentos no setor elétrico, mas a maior fatia (R\$ 105 bilhões) está prevista para depois de 2018, quando termina o mandato de Dilma. Além disso, muitas obras já haviam sido anunciadas anteriormente. "Não há surpresas, os projetos hidrelétricos e vias de transmissão são todos conhecidos", diz Claudio Sales, presidente do Instituto Acende Brasil. "A impressão que tenho é de que apenas mudaram o nome do plano." Para um setor que acumulou apenas notícias negativas nos últimos dois anos, sair do volume morto da crise é, ainda, muito pouco.



Fonte: LCA Consultores



Há dois anos em crise, com custos nas alturas, o setor elétrico aguardava com enorme expectativa o anúncio do Programa de Investimento em Energia Elétrica, na terça-feira 11, em Brasília. Afinal de contas, a presidente Dilma Rousseff tinha uma carta na manga imbatível contra o mau humor generalizado: o anúncio do desligamento de 21 usinas térmicas, que produzem energia mais cara que as hidrelétricas. A expectativa era de que empresários e consumidores, que amargaram um enorme aumento nas contas de luz, finalmente teriam um alívio no bolso. De fato, o terão, mas de apenas 2%. "Nós continuaremos pagando uma energia elétrica mais cara que os concorrentes, principalmente de países emergentes como o nosso", afirma José Velloso, presidente executivo da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq).

A redução será modesta porque a bandeira vermelha, que impõe uma sobretaxa aos usuários, não será trocada pela amarela. O que, na verdade, o governo e a Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) anunciaram na última semana foi uma redução de 18% da taxa da bandeira vermelha, que cairá de R\$ 5,50 a cada 100 kWh, para R\$ 4,50. O respiro tarifário valerá para consumidores residenciais e empresas que compram no mercado cativo, assim que o martelo final for batido no dia 28 de agosto, em nova reunião da agência. "É verdade que as contas de luz aumentaram, o que nós lastimamos", disse Dilma, durante a cerimônia, em Brasília. "Por causa da falta de energia para sustentar a oferta, tivemos de usar as térmicas e pagamos mais caro". Para a indústria química, cujos gastos com energia chegam a representar até 70% dos custos totais, o alívio é irrisório. "Na prática, as tarifas continuam as mesmas", diz Fátima Ferreira, diretora de Economia e Estatística da Associação Brasileira da Indústria Química (Abiquim).

Outro ponto negativo apontado pelos empresários é o fato de que o desligamento das térmicas só está sendo possível porque a economia brasileira encolheu. A atividade industrial, por exemplo, sofreu retração de 6,3% no primeiro semestre, pior resultado desde 2009, segundo o IBGE. Pelos cálculos da LCA Consultores, a recessão econômica deste ano provocará queda de até 2,5% no consumo de energia elétrica. Para 2016, a perspectiva é a de que o ritmo se mantenha. Com a demanda menor de energia e uma leve melhora nos reservatórios do Sudeste, que respondem por 70% do abastecimento, foi possível anunciar o desligamento de 21 termelétricas, que apresentam os maiores custos de operação do sistema, superiores a R\$ 600 por megawatt-hora (veja quadro abaixo). De acordo com o governo, a medida economizará R\$ 5,5 bilhões até dezembro. "Estamos iniciando um ciclo com viés de baixa nas tarifas", disse Eduardo Braga, ministro de Minas e Energia, no lançamento do Programa, em Brasília, salientando que o risco de apagão ficou no passado.

A crise hídrica, no entanto, está longe de ter sido totalmente resolvida. Embora tenham sido abastecidos com chuvas acima da média, no inverno, os reservatórios nacionais devem operar de setembro a novembro com apenas 15% de sua capacidade, assim como no mesmo período de 2014. De acordo com o presidente da CPFL, Wilson Ferreira Jr., é certo que ainda levará um tempo para os reservatórios se recomporem, porém, a expectativa é que a situação melhore em 2016 (leia entrevista ao lado). Segundo o economista-chefe da LCA, Bráulio Borges, se estiver correta a previsão do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS) de que os níveis dos reservatórios vão melhorar, a tendência é a de que em 2016 as termelétricas sejam menos acionadas, o que possibilitará a substituição da bandeira vermelha pela amarela. "Haverá uma leve queda na tarifa", diz Borges. "O reflexo será positivo, sentiremos até mesmo com uma inflação menor que neste ano."

No mesmo evento que faz parte de uma "agenda positiva" do governo, foi anunciado um pacote total de R\$ 186 bilhões em investimentos no setor elétrico, mas a maior fatia (R\$ 105 bilhões) está prevista para depois de 2018, quando termina o mandato de Dilma. Além disso, muitas obras já haviam sido anunciadas anteriormente. "Não há surpresas, os projetos hidrelétricos e vias de

transmissão são todos conhecidos”, diz **Claudio Sales**, presidente do **Instituto Acende Brasil**. “A impressão que tenho é de que apenas mudaram o nome do plano.” Para um setor que acumulou apenas notícias negativas nos últimos dois anos, sair do volume morto da crise é, ainda, muito pouco.